

Processos de tomada de decisão

Ivone Soares diz que a exclusão das mulheres deve-se à atitude machista dos homens

Maputo **Canalmoz** – Ivone Soares, deputada da Renamo e activista social, diz que a falta do cumprimento das leis e políticas baseadas no “género”, constituem o maior entrave para a não consolidação das agendas que beneficiem a mulher na sociedade moçambicana.

Segundo Ivone Soares, os homens temem o brilho natural das mulheres e procuram empenhadamente ofuscá-las, impedindo que a maioria participe nos processos de tomada de decisão do país. “Infelizmente, quem distribui os poderes ainda é o homem.

Mesmo quando decidem promover uma mulher, promovem-na, mas ainda continua rodeada de homens, o que faz com que ela tenha força limitada para defender e influenciar agendas femininas”, disse Ivone Soares e acrescentou que as poucas mulheres que têm a oportunidade de estar inseridas na política andam rodeadas de homens que ainda têm essa concepção machista. “São poucos homens que ainda têm a visão de pensar que se eu me fizer rodear de mulheres competentes e capazes, eu é que hei-de

ter o brilho, no fim do dia as palmas virão para mim como líder”, afirmou.

Estas opiniões foram expressas por Ivone Soares, em Maputo, num debate sobre “Participação política das mulheres ao longo dos 30 anos de democracia multipartidária”, organizado pelo “Fórum Mulher”, em parceria com o Instituto para a Democracia Multipartidária.

Ivone Soares disse que a forma como as mulheres foram socializadas está a contribuir para a mulher não se impor e, para alterar este cenário, sugere que a educação cultural sobre

Ivone Soares disse também que Moçambique se encontra em vantagem em comparação com os outros países da África, pois, segundo diz, no continente existem países que excluem as mulheres na participação política. “Nós temos 42,4% de mulheres na Assembleia da República, não é pouco, mas nós estaríamos satisfeitas se fossemos cinquenta por cento. O nosso défice está nos partidos, que ainda não têm secretária-geral, se temos eu não conheço, também não temos mulheres como presidentes dos partidos, só temos mulheres como membros da Liga Feminina. Mas a nossa condição não é só estarmos nas Ligas inerentes à nossa condição de mulheres, é podermos estar nos órgãos de tomada de decisão nas nossas organizações”, afirmou.

Ivone Soares considera que, apesar dos avanços que se verificam na inclusão da mulher na política, ao longo dos trinta anos da democracia multipartidária, ainda há muito a fazer sobretudo na esfera económica. “A mulher ainda não é gestora de grandes empresas, como, por exemplo, o Banco Central, ainda não temos o rosto da mulher no nosso dinheiro e muito menos assinatura desta.”

“Eu penso que, nestes trinta anos de democracia e quarenta e cinco anos de Independência Nacional, já é tempo de colocar a mulher naquelas áreas desafiantes, em que a competência técnica da mulher é testada e desafiada”, disse Ivone Soares. **(Joana da Lúcia)**

questões relacionadas com géneros deveriam iniciar-se dentro das famílias e alastrar para locais de trabalho e para toda sociedade em geral.

“Por que é que o dinheiro não pode ter o rosto da mulher?”, disse e acrescentou: “Nós não podemos estar em áreas que não são a continuidade das nossas lides domésticas”.

“Nós não nascemos para só estar a cuidar dos bebés, engomar cuidar do marido, etc.. Nós somos mulheres e temos que ser respeitadas enquanto mulheres, mas temos que ter oportunidades de cuidar da vida doméstica e profissional”, disse.